

# «Alice no País das Maravilhas» ou a esquizofrenia esconjurada

ANTÓNIO LOBO ANTUNES  
DANIEL SAMPAIO \*

## I. CHARLES DODGSON VERSUS LEWIS CARROLL

«But I don't want to go among mad people»,  
Alice remarked.  
«Oh you cant't help that», said the Cat,  
«we're all mad here. I'm mad, you're mad».  
«How do you know I'm mad?», said Alice.  
«You must be», said the Cat, «or you would  
not have come here».

*Alice no País das Maravilhas*, livro para crianças que nos países anglo-saxónicos é quase tão conhecido como a Bíblia, de tal forma que na Câmara dos Comuns se alude solenemente, sem surpreender nem chocar ninguém, ao Coelho Branco e ao Chapeleiro Louco, foi primeiramente composto sob a forma oral pelo diácono e professor de matemática Charles Dodgson, aliás Lewis Carroll, no decurso de um passeio de barco com as meninas Liddell, Lorrina, Edith e Alice e um amigo de seu pai, o cónego Duckworth. Chamado inicialmente «Aventuras de Alice debaixo da Terra» e de-

pois, «A Hora de Alice no País dos Elfos», só veio a encontrar o título definitivo em 1865, altura da sua publicação.

Semiadormecida, Alice vê um coelho correr apressadamente junto a si, olhando para o relógio e declarando nervosamente achar-se atrasado. Surpreendida, segue-o através de uma toca de coelho que se transforma num longo poço, o qual termina num compartimento com várias portas fechadas. Alice encontra uma pequena chave de ouro que abre uma portinha oculta atrás das cortinas, dando para um lindo jardim onde tenta penetrar. A história trata das suas vicissitudes em entrar para o jardim e nos insólitos acontecimentos que aí a aguardam.

Alice passa por uma série de transformações físicas, sempre induzidas por comer ou beber algo: por vezes engorda, outras fica demasiado pequena para chegar sequer ao puxador da porta, noutras ocasiões ainda o pescoço torna-se-lhe extremamente comprido a ponto de ser tomada por uma serpente.

Alice sofre de sentimentos de estranheza face ao seu corpo e espírito, crê ter-se tornado outra pessoa, testa a sua identidade através de problemas de aritmética e lições escolares no intuito de verificar se ainda sabe as matérias que aprendeu e verifica repetir constantemente fra-

\* A. L. A. é Especialista de Psiquiatria no Hospital Miguel Bombarda e D. S. é Especialista na Clínica Psiquiátrica Universitária, Hospital de Santa Maria. Ambos os autores pertencem à Secção de Grupanálise da Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatria. Este trabalho foi apresentado como Comunicação a uma sessão científica conjunta da Secção de Grupanálise e da Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatria em 25 de Março de 1976.

ses sem nexos. Um dos encantos da história reside nas caricaturas grotescas expressas através da fusão da identidade de animais, insectos e estranhos seres humanos que Alice encontra, ao longo do que Greenacre designa de «uma extrema cacofonia da crueldade»: animais que se entredoveram, um bebé que se transforma em porco e é abandonado na floresta, enquanto a decapitação é o tratamento habitual e um Gato de Cheshire aparece a sorrir, separado do próprio corpo.

Com a entrada no lindo jardim, poiso da família real, a história termina. A parte final do livro é ocupada pelas peripécias da corte, constituída por um baralho de cartas, entre as quais o ódio e as ameaças de morte são constantes, e no epílogo Alice acorda junto da irmã, que por sua vez refaz o mesmo sonho e imagina a idade adulta com um saudoso prolongamento da infância.

A Inglaterra de 1830 a 1900 constituía uma realidade muito mais complexa do que perspectivas simplificadoras ordinariamente pretendem fazer crer, reduzindo-a à mancha pequeno-burguesa dos romances de Dickens sobre os quais paira o gordo zepelim da rainha Vitória, anjo tutelar de duplo queixo das consciências britânicas. E no entanto tratava-se de facto de um país ainda cruelmente abalado pelo eco das guerras napoleónicas e que despertava da sua letargia semi-rural para uma crescente industrialização, no plano interno, e para a consolidação e alargamento, no plano externo, de um império colonial que se estruturava lentamente, ao preço de gigantescos sacrifícios. A desumanidade das relações de produção e a efectiva miséria de um proletariado embrionário, patente em grandes cidades como Londres e Manchester e retratado com implacável fidelidade nos romances de Gaskell, coexistiam com a tranquilidade calafetada da província, polarizada em torno dos seus botequins e presbitérios, em quotidianos de uma austeridade puritana. O único ritual admitido por uma classe média que principiava a prosperar com o afluxo

crescente dos réditos ultramarinos consistia, como nota Ifor Evans, na pompa dos funerais, e tornava-se necessário, para a manutenção e incremento dos privilégios dessa mesma classe, guardar a todo o custo uma aparência de moralidade intransigente e o severo controle económico das camadas inferiores da população, espartilhando-as num rígido código de burocracia e de puritanismo.

A vigorosa denúncia da hipocrisia vitoriana, guardiã das injustiças de um sistema social em vias de consolidação, foi corajosamente empreendida pelos mais importantes escritores da época, quase todos oriundos de famílias em equilíbrio instável na franja da miséria citadina, como Dickens e Reade, que as classes dominantes rapidamente tentaram (e em parte conseguiram) neutralizar, adoptando-o ou exigindo-lhes uma moderação mais consentânea com a cupidez das suas conveniências. Em paralelo, fora das cidades nascia uma literatura necessariamente desenraizada de toda a problemática social, a comprazer-se num romantismo enlanguescido e moribundo. As únicas excepções a esta regra vieram do Yorkshire, onde, em presbitérios isolados, à margem das tendências, hábitos e mentalidades da sua época, nasciam quase ao mesmo tempo dois dos artistas mais importantes e profundamente inovadores do seu século: em 1814, Emily Brontë, criadora de um mundo tempestuoso de uma originalidade inultrapassável, e, em 1832, Lewis Carroll, de seu nome verdadeiro Charles Lutwidge Dodgson, inventor de histórias para meninas da província e aborrecido professor de matemática.

O pai deste, igualmente chamado Charles Dodgson tal como o avô e o bisavô, pertencia a uma família tradicional de clérigos anglicanos e casara cinco anos antes com a prima direita Frances Jane Lutwidge, de quem teve onze filhos, de que Charles foi o terceiro, com duas irmãs mais velhas e duas imediatamente mais novas. Entre a primogénita e a quinta decorriam apenas sete anos e os nomes dos cinco irmãos constituem todas as variações de Charles e Louis: Lucy, Charles, Caroline, Charlotte e

Louise. Nos pequenos universos presbiteriais, da altura, encerrados em si mesmos, os casamentos consanguíneos, os nomes e as vocações repetiam-se iterativamente: os irmãos de Lewis Carroll seguiram carreira eclesiástica e a única irmã que se casou fê-lo com um padre e depois da morte dos pais, prolongando desse modo a vocação paroquial da família <sup>1</sup>.

O pai de Charles surge-nos como distante, austero, preocupado em inculcar na prole a doutrina cristã do amor que, a avaliar pelos padrões morais da época acima esboçados, era decerto transmitida sob a forma de um puritanismo rígido. Parece nunca ter havido uma relação muito próxima entre os dois, mas apesar disso Charles, ao referir-se à morte do pai em 1868, escrevia: «Foi o maior abalo da minha vida.» Adiante abordaremos mais profundamente esta questão.

Segundo um dos netos, a mãe do escritor era «uma pessoa muito doce, simples e terna, um anjo na terra, a melhor mulher que jamais viveu, na presença constante de Deus».

No entanto, é provável que devido ao facto de a senhora Dodgson se achar pouco disponível para Charles, em consequência dos irmãos que metronomicamente iam nascendo, ele não tenha recebido dela o afecto que desejaria. Em reforço desta hipótese, a que também voltaremos, cite-se uma carta dirigida ao filho enviando-lhe «um bilião de beijos», missiva que ele conservou toda a vida, escrevendo no verso o seguinte e solene aviso: «Ninguém pode tocar nesta carta porque pertence a C. L.-D.» E acrescentou: «Cobrir com alcatrão para que suje as mãos quem nela mexer.» <sup>2</sup>

Os Dodgson viviam de tal forma «enclausurados» em si mesmos que Charles parece ter

<sup>1</sup> Esta monotonia teria que ver com o narcisismo, entendido aqui como oposição a relações de objecto diferenciadas e ao facto de haver na família o mínimo de expansões dos afectos: Deus, paróquia e educação a-sexual.

<sup>2</sup> Consideramos esta carta como a primeira manifestação edipiana de Charles Dodgson, em que existe uma clivagem de mãe sexual com a mãe pura não sexual, por nunca ter podido assumir a própria sexualidade, nem lidar com a imagem sexual da mãe.

tido um único e episódico amigo, fora do estreito círculo familiar, na pessoa de um rapaz, filho de um outro clérigo que morava a algumas milhas de distância. E assim, a sua educação básica até à ida para Rugby, em 1845, foi feita em casa, brincando apenas com os irmãos, num espaço confinado pelos altos muros da Reitoria.

Charles foi na infância uma criança singularmente imaginativa e estranha, dotada de uma esquisita predilecção por pequenos animais repelentes: ratos, lagartixas, caracóis, cobras, etc.<sup>3</sup>. Um seu professor na altura, Mr. Tate, afirmava coincidirem nele duas tendências opostas: um rigor enorme no esclarecimento dos problemas matemáticos, a par de uma exigência de soluções exaustas e claras e, por outro lado, uma total fantasia com as palavras, desarticulando a gramática, alterando os tempos dos verbos e pulverizando a semântica.

Em 1845, Charles partiu para Rugby a continuar os seus estudos numa escola tradicionalmente tida como competitiva e agressiva e datam dessa época os primeiros escritos conhecidos sob a forma de jornaizinhos e revistas compostos por ele e enviados às irmãs, «Useful and Instructive Poetry» e «Rectory Umbrella», repletos de contos e poemas, ensaios, paródias em prosa e verso e caricaturas.

Ao contrário do que habitualmente sucede com outros escritores, que ao longo dos anos logram uma evolução progressiva da forma e dos conteúdos narrativos, as características das suas criações afirmam-se imutáveis desde o início: subversiva invenção formal, alterações da estrutura narrativa, neologismos, episódios sem nexos aparentes, ao passo que os seus desenhos da altura se caracterizam por distorções corporais, violenta conflituosidade dos personagens e pela perplexidade ansiosa dos seus olhares, comum aos seus retratos da juventude.

Em Rugby, Charles era normalmente considerado como um indivíduo pouco falador, dis-

<sup>3</sup> Trata-se de fixações sexuais próprias da infância nos animais que são símbolos sexuais, havendo uma utilização da libido através dos bichos repugnantes e uma constante e completa repressão dos órgãos genitais.

tante, perdido numa cisma que excluía os outros, recusando-se a manter quaisquer relações com os colegas. Hudson, um dos seus biógrafos, diz preferir não investigar os seus anos de Rugby, de tal forma os pensa solitários, isolados e difíceis. Apesar da gaguez (defeito aliás comum a todos os seus irmãos), foi bastante bom aluno, coleccionando vários prémios em matemática, matéria para que parecia extremamente dotado.

Aos dezanove anos, em 1851, morre-lhe a mãe, na sequência de uma doença cuja natureza e duração se não conhece, e logo ele, num longo poema, se declara traído por uma jovem mulher e, após descrever a sua sedução por um amor roubado e pelo engano da amada, afirma não poder ligar-se a mais ninguém. Os estudiosos de Lewis Carroll consideram estas estâncias como a única expressão directa dos seus sentimentos por outrem<sup>4</sup>. Pouco antes partira para Oxford, pensionista do Christ Church College (local em que residiu quarenta e nove anos), onde logo ganha a reputação de um personagem austero, envergonhado, minucioso, preciso, imerso naquilo a que os colegas chamavam de «*rêverie* matemática», social, teológica e politicamente conservador, o que violentamente contrasta com a sua produção literária paralela, a qual mantém invariáveis e intactas as características já apontadas, minando a prosódia do tempo através de irrupções constantes e de uma pulverização das regras semânticas.

Tendo assistido na rua a um ataque epiléptico, desde sempre viveu preocupado com o receio de uma doença cerebral (sofreu toda a vida de insónias tenazes, como se o atormentasse o receio de perder o controle de si próprio) e iniciou longa correspondência com o cirurgião Paget, na qual de contínuo o questionava acerca de possíveis sintomas de doença mental, dedicando-se ao estudo da anatomia e mais especificamente das fracturas, eventual-

mente associadas às convulsões, de que surgem reminiscências na *Caça ao Snark*.

Em 1856, data em que foi ordenado diácono, parece ter nutrido pela jovem actriz Ellen Terry uma paixão platónica e inconsequente (Ellen tinha oito anos ao tempo, segundo informação de uma sobrinha de Carroll) que Greenacre classifica de romance autista e que não teria passado de uma fervorosa elaboração interior.

Por essa época começa a interessar-se pela fotografia — o daguerreótipo encontrava-se então ainda em fase embrionária —, retratando sobretudo rapariguinhas dos 7 aos 11 anos, de preferência seminuas e em atitudes de abandono, ou vestidas pelo seu guarda-roupa pessoal, o que lhe acarretou, como seria de prever, alguns problemas de difícil resolução com os respectivos pais, embora Carroll afirmasse em carta a uma irmã: «Estou certo e inocente aos olhos de Deus.»<sup>5</sup> Nos seus diários referia por vezes ter fotografado meninas nas «vestes usuais», significando usuais a pele nua, e sublinhando a satisfação que em tal facto encontrava.

As imagens que dele temos nessa época permitem classificá-lo tipologicamente como um leptossómico asténico, de feições singularmente femininas, combinando-se numa expressão de recato virgem: os seus alunos (acabados os estudos Dodgson passou a dedicar-se ao ensino da Lógica Matemática em Oxford) chamavam-lhe com sarcasmo Louise Caroline, variações curiosamente contidas na estreiteza onomástica familiar. Mark Twain, que o conheceu e não gostou dele, descreve-o como «o mais envergonhado dos homens». Falava sempre ocultando a boca com a mão direita, recusando quase sistematicamente os convites sociais que lhe endereçavam e durante horas de conversa formulava apenas, de quando em quando, uma pergunta ocasional. Sempre de luvas (o que

<sup>4</sup> O poema surge como o segundo desenvolvimento edipiano de Dodgson e a demonstração de um *arrêt* no complexo de Édipo: não identificação com o pai, incapacidade de lidar com a parte sexual da mãe.

<sup>5</sup> Consoante Freud o demonstrou em *Instintos e Suas Vicissitudes*, assistimos aqui a uma «paragem» do instinto de procura, substituído pelo voyeurismo, e à reprodução compulsiva de se satisfazer com os corpos das rapariguinhas antes do aparecimento dos caracteres sexuais secundários.

aproximamos de uma recusa de contacto) e trajando roupas discretas e cinzentas, vivia extremamente isolado, resumindo o seu interesse pelos outros a raparigas impúberes, em intenção das quais se fazia acompanhar por sistema de uma mala preta repleta de *puzzles*, jogos e pequenas prendas com que procurava captar-lhes a simpatia.

A sua amizade com as meninas Liddell, Lorina, Edith e Alice data do final dos anos cinquenta. Rapidamente se tornaram as suas favoritas, objectos preferidos de inumeráveis fotografias e para elas inventou jogos e contos. *Alice no País das Maravilhas* foi oferecido a Alice Liddell como prenda de Natal em 1862, num caderno cuidadosamente manuscrito pelo autor.

No ano seguinte, George MacDonald persuadiu-o a publicá-lo em livro, no editor Macmillan, ilustrado por Sir John Tenniel, tendo a obra obtido um êxito imediato do público e da crítica. Assinava-o Lewis Carroll, nome que assim surge pela primeira vez e que depressa se tornou conhecido na Europa e na América através de sucessivas traduções cujo entusiástico acolhimento parece ter surpreendido o seu autor. Paralelamente e assinando Charles Dodgson deu a lume alguns volumes de *Lógica Matemática*, nem excessivamente profundos nem excepcionalmente inovadores, versando temas como por exemplo «Euclides e os seus modernos rivais», «limites da quadratura do círculo», etc. Conta-se que a rainha Vitória, admiradora dos seus contos, lhe solicitou um dos seus livros, pedido a que Dodgson correspondeu oferecendo-lhe um opúsculo matemático, *Tratado Elementar dos Determinantes*, talvez por lhe ser difícil considerar a rainha como uma das suas jovens admiradoras<sup>6</sup>.

Até à morte, ocorrida em 1891 na sequência do que se julga ter sido um simples ataque de bronquite, de acordo aliás com o aparente *non-*

*sense* dos seus livros, a sua existência continuou a decorrer de uma forma monótona e solitária: Lewis Carroll foi pouco a pouco afastado por Charles Dodgson. O editor americano Edwis Bok, que tentou procurar em Oxford o escritor Lewis Carroll, foi antipaticamente mandado embora pelo reverendo Dodgson e as suas cartas dirigidas a Carroll eram devolvidas ao remetente por abrir e com a menção «não conhecido».

A breve resenha biográfica a que atrás procedemos permite-nos sugerir que desde muito cedo a personalidade de Charles Dodgson conteve em si duas vertentes aparentemente opostas e irreconciliáveis: o minucioso, exageradamente rígido, maçador, isolado, solitário matemático Charles L. Dodgson, em oposição ao devastadoramente fantasista, inovador da linguagem, mestre do *nonsense*, que se viria a cristalizar mais tarde sob o nome de Lewis Carroll.

Greenacre sugere que Lewis Carroll é o verdadeiro descendente do menino do jardim paroquial, inventando insólitas brincadeiras para as irmãs como mais tarde o veio a fazer na intenção de rapariguinhas dos 7 aos 11 anos. Pela nossa parte, não estaríamos tão seguros de tal afirmação: do ponto de vista que perfilhamos e como adiante mostraremos, Lewis Carroll representaria o contraponto necessário à existência «normal» e «saúdavel» do futuro diácono e, nesse sentido, quando Greenacre declara ser Dodgson o guardião de Carroll, afirmamos precisamente o contrário, isto é: se Lewis Carroll não existisse como entidade autónoma e relativamente independente de Charles Dodgson, separação a que ele cuidadosamente procede nas suas cartas, o digno reverendo teria que se defrontar, dentro de si mesmo, com a sua própria «psicose», em vez de lidar com ela através de aparentemente inofensivas histórias para crianças. Lewis Carroll, que a par e passo se foi formando dentro de si como entidade autónoma, permitiu-lhe durante a vida um contacto adequado com o real da época, desde estudos dis-

<sup>6</sup> Neste episódio, tido por alguns autores como apócrifo, vemos mais uma incidência do complexo de Édipo: à figura materna da rainha, que lhe pede uma história sobre os seus instintos, Dodgson, que a não pode ter como mãe sexual, envia-lhe um livro de matemática.

tintos em Rugby até toda a sua posterior carreira eclesiástica e docente<sup>1</sup>.

Desde a infância que o jovem Charles aparece como uma criança introvertida, com extremas dificuldades de contacto, grande tendência para o isolamento, praticamente sem relações para além das irmãs, substituindo o mundo exterior por um universo fechado, povoado pelas suas próprias fantasias e fantasmas, a quem apenas as irmãs parecem ter tido acesso, vivendo contudo somente na franja desse mundo: com efeito, Charles estabelecia estritas regras a que elas deviam obedecer, e era ele o inventor e o promotor dos jogos infantis, recusando-se a aceitar sugestões alheias. Este universo fechado, que ainda mais cruelmente se acentuou pela ausência da família, vai prolongar-se em Rugby, onde Charles procura reviver a atmosfera familiar através dos jornaizinhos manuscritos que periodicamente enviava às irmãs. São notórias as suas dificuldades de contacto na adolescência, as quais progressivamente se vincaram ao longo dos anos, de tal forma que a «*rêverie* matemática» a que os colegas se referiam, não seria mais do que um estigma de autismo.

Tudo aponta nele para um temperamento esquizóide fortemente marcado, que logrou viver em relativa sintonia com os cânones da época, esconjurando a sua «doença» através de Lewis Carroll, entidade que consubstanciaria a «psicose» do reverendo Charles L. Dodgson. O que marca a sua fascinante originalidade foi a capacidade de fazer dele uma entidade autónoma, que lhe permitiu um relativo equilíbrio psíquico, ainda que precário, consoante se comprova no episódio do epiléptico atrás referido e no constante receio de sofrer de uma «doença de cabeça». Quase diríamos que Dodgson intuiu o que nenhum dos numerosos psiquiatras e psicanalistas que o estudaram soube entrever: a

<sup>1</sup> A acção do Super-Ego de Dodgson manifesta-se quase sempre através da matemática, impondo ao Ego rigidez e monotonia de comportamento. Com efeito, nos seus trabalhos matemáticos, pouco inventivos e inovadores, Dodgson nunca utilizou o Id nem os impulsos, sendo sempre o Super-Ego que toma predominio.

existência de Lewis Carroll como possibilidade de expressão e consentida porta de salvação para a «esquizofrenia» do prelado.

## II. LEWIS CARROLL VERSUS ALICE

«The time has come», the Walrus said  
To talk of many things:  
Of shoes — and ships — and sealing wax  
Of cabbages — and kings — and why the  
sea is boiling hot — and whether pigs have  
wings».

Os diversos estudos de orientação psicanalítica que têm tomado como objecto Lewis Carroll e a sua obra, sustentam ter o autor identificado Alice com a própria mãe, apontando como um dos argumentos fulcrais o facto da diferença de idades entre Carroll e Alice ser a mesma que o separava da mãe, falando de inversão do Complexo de Édipo não resolvido. Esta tese parece-nos insuficientemente fundamentada. Do nosso ponto de vista e aceitando embora a possibilidade de uma identificação parcial, Alice é Carroll, ou seja, a parte do reverendo Charles Dodgson com que ele não poderia lidar sem o risco de uma destruturação da personalidade.

Na realidade, Charles Dodgson assumiu-se sempre inconscientemente como rapariguinha. Em apoio desta tese e reportando-nos em primeiro lugar à sua infância, adiantaremos nunca ter havido uma figura de identificação masculina. O pai, único homem com quem Charles Dodgson entrou em relação, foi sempre uma figura implacavelmente distante, de quem Charles nunca conseguiu aproximar-se. O seu único comentário conhecido, à altura do falecimento do progenitor («Foi o maior abalo da minha vida»), traduz, quanto a nós, o fracasso da relação durante a vida, como se Charles só pudesse tomar conhecimento do pai depois de morto. A infância, ocorrida entre quatro irmãs de idade muito aproximada à sua, já que a mãe, ocupada pelas suas sucessivas gestações, se achava necessariamente mais longínqua, fez com que lhe fosse vedado assumir-se como rapaz, o que se traduziria inevitavelmente por uma hostilidade

delas em relação a ele: sem possibilidade de identificação masculina, subsistir significava para Charles não se distinguir das irmãs. Sublinhando o que afirmamos, a inveja de pénis por parte das irmãs evidencia-se através da total aceitação que ele delas recebia, participando nos seus jogos como condutor e inventor. A sua frase «*I am very fond of children except boys*» ilustra vincadamente a nossa hipótese, demonstrando a hostilidade que o homem-menina sentiu sempre pelos rapazinhos da sua idade, por um lado capazes de se relacionarem com as meninas de maneira diversa da sua, por outro sentidos certamente como figuras ameaçadoras pela menina Charles Dodgson. Os fabulosos animais que rodeiam Alice são quase sempre estranhos e desagradáveis, tal como o pequeno Charles preferia as lagartixas, os caracóis e as cobras do jardim familiar.

À medida que crescia e privado do convívio com as irmãs, Charles Dodgson adoptou claramente a atitude da virgem solitária e vitoriana que viria a manter toda a vida: tímido, envergonhado, reservado, sem amigos masculinos, pouco participando em reuniões sociais, ocultando o rosto atrás do leque da mão ao falar. O aspecto efeminado surge nitidamente nas fotografias que dele subsistem e os alunos apelidavam-no com ironia de Louise Caroline, iniciais que coincidem com as de Lewis Carroll.

A sua actividade fotográfica, procurando incansavelmente retratar meninas dos 7 aos 11 anos, sugere-nos a imagem de uma solteirona na menopausa revisitando, com desiludida saudade, o álbum da sua infância. A nula vida social, reduzida a uma procura compulsiva de aproximação com rapariguinhas, aponta para a busca de uma imagem em espelho ou do reencontro com as irmãs. Gertrude Chataway, a quem *A Caça ao Snark* foi dedicada, escreveria mais tarde: «Tenho a sensação que nunca chegou a compreender que nós, que ele conheceu crianças, um dia cresceríamos e deixaríamos de o ser. Há anos estivemos juntos em Eastbourne e senti-me de novo como uma garota. Ele parecia não ter reparado que eu mu-

dera e quando lho fiz notar, disse: «Não tem importância. Serás sempre uma criança para mim, mesmo quando o teu cabelo for grisalho.» A sua ausência total de comportamento sexual, resumido a beijos fugazes a meninas, prova por um lado a sua definitiva impossibilidade de se assumir como homem e por outro a procura de uma relação com as suas iguais. A finalizar, acrescentaremos que Sir John Tenniell, o ilustrador do livro, intuiu maravilhosamente o que atrás demonstrámos, desenhando uma Alice singularmente parecida com o seu criador.

Tomando como ponto assente o que atrás foi dito, podemos considerar o sonho que ocupa a quase totalidade de *Alice no País das Maravilhas* como o núcleo «psicótico» de Dodgson<sup>8</sup>. Este sonho preenche toda a obra, com excepção dos primeiros e últimos parágrafos, cujo tipo de prosa poderia ter sido produzido pelo adulto reverendo Dodgson e contrasta violentamente com a exuberante imagética do resto do livro. Em trabalho anterior, «Loucura e criação artística: Ângelo de Lima, poeta de *Orpheu*», um de nós abordou este problema a propósito do escritor português, o qual, tal como Carroll, produzia em períodos de «normalidade» obras

<sup>8</sup> O conceito de «núcleo psicótico», extremamente importante para a reformulação da nosologia psiquiátrica e claramente demonstrado pelo caso de Lewis Carroll, foi definido pelo Dr. Eduardo Luís Cortesão numa discussão clínica, da seguinte forma: «Refiro-me àquelas formações inconscientes em relação com impulsos do Id, de estrutura e configuração especiais, que existem latentes em todos os indivíduos e que podem aflorar em manifestações de comportamento de índole psicótica.

«A configuração especial tem que ver com protótipos da actividade arcaica da libido e impulsos agressivos na relação primitiva sujeito-objecto. Por exemplo, o seio materno é configurado e identificado pelo bebé como não distinto do próprio (*self*). Não há fronteira entre o *Self* e o Não-*Self*. Este é um estado de narcisismo absoluto que é normalmente sujeito a evoluções e transformações na medida em que o Ego vai gradualmente investindo catexis nos objectos, diferenciando-os de si. Nalgumas pessoas, porém, mantém-se latente uma indiferenciação do *Self* e do Não-*Self*, embora haja certo desenvolvimento das funções do Ego de adaptação, aprendizagem e até relações afectivas elementares e superficiais. Esta indiferenciação entre o território do *Self* e do Não-*Self* constitui um núcleo psicótico que pode ou não eclodir sob a forma de autismo, actividade delirante, auto-relacionamento paranóide, delírio de influenciamento do pensar, etc.»

de qualidade muito inferior às que lograva no decurso da fase produtiva da sua doença. A diferença fundamental reside no facto de Dodgson ser o guardião vitoriano de Carroll, Super-Ego da sua actividade instintiva e criadora, protegendo-o através da exactidão matemática, ao passo que a Ângelo de Lima não foi permitido ou possível outro destino que não o de morrer em Rilhafoles.

À luz da nossa perspectiva, o «delírio» de Alice e portanto o livro *Alice no País das Maravilhas* torna-se quase transparente e permite-nos caminhar com segurança através dos seus aparentemente complicados meandros. Desmontaremos apenas alguns dos mecanismos e símbolos essenciais, que permitam aclarar, sob um enfoque novo, esta obra extraordinária.

O sonho começa com a queda desordenada e aflitiva de Alice ao longo de um poço profundo, o que tem sido constantemente interpretado como significando o nascimento, com a carga de ansiedade e angústia de quem transita para um universo diferente. Entendemos que se trata não de um nascimento vulgar (no sentido da criança que vem ao mundo) mas sim do que chamaríamos de um «parto ao contrário», ou seja, do retorno da idade adulta à idade infantil e portanto da transformação do reverendo Charles Dodgson em Carroll-Alice, com os factores da realidade adulta a pouco e pouco substituídos pelos da realidade infantil e mais frisantemente ainda de uma descida ao Id e à actividade impulsiva e instintiva.

A seguir surge a frase reveladora: «Não segure um tição em brasa durante muito tempo porque queima»; ou: «Não se corte muito profundamente porque faz sangrar», a traduzir a impossibilidade por nós aduzida de Dodgson assumir o próprio pénis erecto, coroada pela seguinte frase: «Que estranha impressão, disse Alice, creio que entra em mim mesma como num telescópio»: e deste modo se completou a castração. Paralelamente, nesta entrada do telescópio no corpo, assistimos a mais uma manifestação de voyeurismo.

E começam a surgir, recriados, os estranhos e insólitos animais do presbitério da infância,

ao mesmo tempo que o digno Dodgson, professor de matemática e autor de tratados científicos, é escarnecido pela menina-Charles, que ridiculariza a aritmética através de tabuadas erradas e de sardónicos cálculos de distâncias geográficas; o que nos recorda quanto foi difícil a Lewis Carroll suportar o seu aborrecido mas necessário duplo. O primeiro animal a aparecer e que aliás desencadeia a história é o Coelho Branco, que desempenha no livro o papel da censura, provavelmente relacionado com o Super-Ego do autor.

Julgamos que o lago de lágrimas, em que Alice quase se afoga, corresponde ao receio de que uma menstruação abundante viesse romper de súbito a frágil unidade do homem-menina, e Alice apressa-se a fugir desse terrível perigo, regressando aos tranquilizadores animais do jardim familiar, ao salvar-se de ser mulher através de um rato. Assim se compreende o horror que Dodgson sentiu quando, na vida real, ao beijar o que supunha uma rapariguinha, se apercebeu de que ela tinha dezassete anos, confundindo-se de imediato num labirinto de desculpas<sup>9</sup>.

Segue-se o episódio exaustivamente estudado da Assembleia dos Animais, presidida pelo Dodó, nome que parece resultar da maneira como Dodgson soletrava, devido à gaguez, o seu próprio apelido. Sem pôr em causa a interpretação clássica de que os bichos corresponderiam a figuras reais (Lory, o papagaio, seria Lorina, Eaglet, a águia, seria Edith, irmãs de Alice, etc.) adiantaremos que o Dodó corresponde para nós à primeira irrupção de Dodgson na história; e, como nos recreios da Reitoria, é ele quem cria e dirige o jogo.

As transformações do esquema corporal de Alice, que se sucedem iterativamente todo o livro (cujo conteúdo é apenas a constante repetição de um delírio genial), não é mais do que a visão da criança que assiste às sucessivas gestações da mãe sem contudo se identificar com

<sup>9</sup> Numa outra perspectiva, o episódio das lágrimas terá que ver com fantasias acerca da própria actividade uretral e com o treino de hábitos higiénicos certamente muito severos numa família puritana.



ela. A suceder assim, seria de esperar uma mudança de forma duradoira e harmónica; contudo, o que na realidade se passa são distorções abruptas e imprevisíveis, desencadeadas pela ingestão de alimentos, equivalendo à fantasia infantil de engravidar pela boca, o que corresponderia ao modo como a criança fantasia, em face da gravidez da mãe, a sua gravidez futura<sup>10</sup>. Paralelamente, poderá significar também um sentimento de inferioridade ou desvalorização perante a figura materna, que elucidaria a admirativa e distante adoração que Lewis Carroll sempre nutriu pela senhora Dodgson, capaz de onze partos perfeitos, enquanto o escritor, numa outra linha de pensamento, se poderá dizer que concebeu através dos retratos.

O capítulo IV é inteiramente dedicado à angústia do crescimento e à ansiedade com que é vivida a transformação da menina ao crescer. Com efeito, Alice, ao aumentar as dimensões, ocupa completamente a casa, expulsando dela os animaizinhos familiares, o que associamos ao sentimento do pequeno Charles ao ver-se privado dos seus recantos pelo aparecimento de sucessivas irmãs.

Um dos problemas fundamentais do livro parece-nos ser o da identidade, para o qual se encontra uma explicação coerente à luz da nossa perspectiva. Assim, no célebre diálogo com a lagarta, Alice-Dodgson declara saber quem era quando se levantou de manhã, mas ter mudado depois muitas vezes e achar-se deveras embaraçada com as suas repetidas alterações de forma. A única maneira de se identificar consigo própria é referir-se ao acordar, acordar igual a infância e a rotura com os impulsos libidinais que se manifestam durante o sono, relacionando nós as alterações posteriores com as modificações externas e internas produzidas pela adolescência e idade adulta que Dodgson nunca foi capaz de assumir.

Ainda no que diz respeito à agressividade com que Charles sentiu o nascimento dos ir-

<sup>10</sup> Podendo igualmente corresponder a fantasias acerca do nascimento do próprio pénis, e à defesa que Dodgson tinha que fazer constantemente quanto ao aparecimento dos caracteres sexuais secundários: seios, pêlos púbicos, etc.

mãos, de quem por vezes, como mais velho, se ocupava, citaremos como exemplo o episódio extremamente feroz do bebé que se transforma em porco e no modo como a Duquesa-Mãe o trata, insultando-o, deixando que lhe caiam utensílios domésticos em cima, entoando uma canção de embalar de um ódio inconcebível e acabando por abandoná-lo lançando-o nos braços de Alice onde se transforma num leitão<sup>11</sup>. Isto afigura-se-nos tanto mais importante quanto na realidade se trata do episódio mais cruel do livro, no qual Lewis Carroll dá largas à agressividade que o reverendo Dodgson policiava estreitamente. A dificuldade no manejo dos impulsos agressivos, que neste episódio explodem de uma forma incontida, surge-nos patente durante toda a vida de Charles L. Dodgson, que apenas os conseguia exteriorizar tornando-se maçador para aqueles que o escutavam.

O Gato de Cheshire, quanto a nós o ser mais enigmático e fascinante do livro, significa, ao assumir tranquilamente a sua própria loucura, o núcleo «psicótico» de Charles Dodgson no estado quimicamente puro e o fracasso relativo da lógica matemática como defesa contra essa mesma «psicose», tão claramente demonstrado na exuberante utilização ilógica dos silogismos do mestre de Oxford. O chapeleiro e a Lebre de Março, personagens que aparentamos ao Gato de Cheshire e cujos nomes derivam de duas expressões idiomáticas inglesas («ser louco como um chapeleiro» ou «ser louco como uma lebre em Março», mês do cio das lebres), co-

<sup>11</sup> Speak roughly to your little boy,  
And beat him when he sneezes:  
He only does it to annoy  
Because he knows it teases»

*Coro*

Wow! Wow! Wow!

(Trad. de Manuel João Gomes)

Ralhe com gana  
a esse garoto.  
Bata-lhe, bata-lhe,  
Se ele espirrar:  
ele está a berrar  
Só para a aborrecer  
Não sabe mais nada  
senão chatear

*Coro*

oó - oó - oó

roam a ilustração da «psicose» recorrendo à utilização «esquizofrénica» de lógica matemática e do pensamento cartesiano do reverendo Dodgson, como se torna claro no episódio do relógio que indica os dias do mês em vez das horas.

Os neologismos de Carroll, que surgem ao longo de todo o livro, distinguem-se muito claramente das invenções verbais de outros escritores, como James Joyce ou E. E. Cummings, por se tratarem de desagregações vocabulares e explosões semânticas mais do que recriações linguísticas, e aparentadas, pela sua função simbólica, com as características da escrita esquizofrénica. Cite-se, em apoio, todo o episódio da Falsa Tartaruga (referência a uma sopa inglesa, anunciada como sopa de tartaruga e feita de cabeça de vaca), paradigmático também por outro lado da dificuldade com que o núcleo «psicótico» de Dodgson aceitava a parte sã, ridicularizando-a claramente ao descrever as operações matemáticas de que o seu maçador duplo fazia modo de vida: a divisão é chamada de irrisão, a adição de ambição, a subtracção de distracção e a multiplicação de horrificação, talvez os quatro pontos cardeais das razões de queixa de Alice contra o seu indesejável invólucro.

O personagem da Rainha de Copas e o ambiente que a cerca, quer na cena de *croquet* quer na do julgamento, parecem cristalizar a forma como Charles Dodgson vivenciava o mundo dos adultos, prolixo, contraditório, colérico, ridículo, numa palavra, sem sentido. O Rei, a Rainha, o Valete, as cartas de jogar, representariam os para ele incompreensíveis seres reais cuja companhia toda a vida recusou, alienando-se por completo do convívio social para preferir um quotidiano solitário e monótono. As reiteradas ameaças de decapitação simbolizariam o receio do matemático de perder o controle de si próprio, a favor da explosão dos instintos primitivos que a moral da época e a mentalidade do próprio Charles Dodgson tão rigidamente condenavam: em carta a uma irmã, Carroll falava, a propósito de convites endereçados a meninas para que o visitassem em casa, da necessidade que tinha «da sua consciência,

para se certificar de estar certo e inocente aos olhos de Deus». Alice-Dodgson necessita para salvar-se de recusar em bloco a assustadora realidade da época vitoriana («você não passam de um baralho de cartas»), regressando ao acordar e à tranquila segurança da sua infância reencontrada.

### III. ALICE VERSUS OS SEUS LEITORES

«... as large as life and twice as natural»

Em 1932, comemorando o primeiro centenário do nascimento de Lewis Carroll, Chesterton, que ignorava decerto o hábito português de dividir *Os Lusíadas* em orações num instinto de vivissecção abominável, previa para Alice o negro futuro de ser transformada em matéria de aborrecidas aulas de inglês, tornando-se «fria e monumental como um túmulo clássico». Martin Gardner, filósofo e matemático americano que tem dedicado muito do seu tempo ao estudo da obra literária do diácono de Oxford, afirma que a imortalidade do livro se deve, não a um particular interesse das crianças por ele, mas à paixão que tem despertado nos adultos, principalmente filólogos, psiquiatras e, de há quarenta anos a esta parte, psicanalistas. Num estudo incluído na obra *O Momento e Outros Ensaios*, Virgínia Woolf sublinha: «As duas Alices não são livros para crianças; são os únicos livros em que nos tornamos crianças.» E em apoio da sua tese, afirma: «Uma vez que a infância permaneceu inteira nele, pôde fazer o que mais ninguém conseguiu — regressar a esse mundo; pôde recriá-lo de tal forma que também nós nos tornamos crianças de novo.»

Um dos motivos a que se deve, quanto a nós, a continuação e mesmo o alargamento da popularidade de Alice reside na sua forma de humor, tanto mais violentamente subversivo quanto foi dado à estampa em plena e solene época vitoriana. Do nosso ponto de vista Lewis Carroll não é um humorista deliberado, não pretende gracejar, contar anedotas, fazer rir os seus leitores: ele limita-se, no fundo, a transmitir-nos o universo infantil do seu núcleo psicó-

tico, a que o leitor adulto, como aliás Rackin acentua, responde invariavelmente com a única defesa possível em face do aparente e ansioso caos dos instintos: rindo-se, e esconjurando dessa forma a parte desse mesmo caos que dentro de si existe. Ao abrir *Alice* encontramos com surpresa perante uma história completamente diversa daquelas a que, monotonamente, os contos infantis nos habituaram: príncipes, princesas, fadas, ogres, animais maus que se torna necessário matar, tudo isto rematado por um epílogo feliz em regra constituído por um casamento entre os protagonistas e a promessa de muitos filhos. Tal tipo de enredos pertence claramente à fase genital do desenvolvimento infantil e não passam em última análise de recriações mais ou menos encobertas do Complexo de Édipo. Redigidos como foram por adultos, fica-nos a sensação de que estes, ao tentarem explorar o mundo das crianças, não conseguem, se armados unicamente do seu consciente, atingir os períodos pregenitais da evolução da personalidade. O génio de Carroll, e empregamos o termo génio no sentido de singularidade absoluta, permitiu-lhe produzir uma obra que irrompe vulcanicamente do inconsciente e onde a própria elaboração preconsciente parece ter um lugar diminuto, conforme Freud sublinhou, aliás, a propósito das produções artísticas dos surrealistas.

Pouco depois de Alexander Woollcott sugerir com tristeza que os freudianos tinham deixado os sonhos de Alice por explorar, iniciou-se, como tocada pela varinha de Moisés deste lamento, uma autêntica torrente de estudos, teses de doutoramento, tratados e outros artigos, escritos principalmente pelos psicanalistas americanos. De todos eles, de resto bastante repetitivos nas suas teses, o livro da Dr.<sup>a</sup> Greenacre, dedicado a Swift e a Carroll é, sem dúvida, o melhor, o mais pormenorizado e o mais engenhoso: e no entanto tem encontrado uma severa oposição dos biógrafos de Dodgson de formação diversa da sua, cada um deles tendendo a enquadrar patrioticamente *Alice* dentro do seu campo de actividade ou investigação específico. Assim, os historiadores da literatura aproximam

Lewis Carroll de outros autores atraídos por rapariguinhas jovens, como Edgar Allan Poe, ou comparam-no com Humbert Humbert, narrador do romance de Nabokov *Lolita*, que consideramos a mais espantosa ilustração de *arrêt* do desenvolvimento sexual e da incapacidade de aceitar os caracteres sexuais secundários; os matemáticos transformam o livro em jogos de Lógica mais ou menos complexos, entretendo-se até à exaustão no quadro preto das suas raízes quadradas; os filósofos especulam com melancolia acerca do sarcasmo da obra, citando Reinhold Niebur, que declarava «ser o riso uma terra de ninguém entre a fé e o desespero»; alguns políticos, a quem o Id próprio e alheio apavora, têm proibido o livro nos territórios sob a sua jurisdição, apodando-o de imoral; os psicanalistas, que quanto a Carroll têm alternado a profundidade com o lugar-comum, entendem *Alice* como um guia seguro para o inconsciente de Dodgson. Em trabalho da natureza do nosso, torna-se impossível confrontar estes diferentes e por vezes maçadores pontos de vista e proceder a uma síntese que correria o risco de se tornar aleatória. Limitamo-nos, pois, a enunciar a nossa perspectiva pessoal, que resumiremos da seguinte forma: *Alice no País das Maravilhas* faz explodir impetuosamente as traves mestras da lógica aristotélica, por se tratar da irrupção de um processo inconsciente de múltiplas virtualidades, indo ao encontro do inconsciente de sucessivas gerações dos seus leitores e, eventualmente, da sua «loucura».

Pensamos que a análise por nós feita da personalidade de Charles Dodgson e do seu livro poderá contribuir para a pulverização do conceito clássico de «loucura», na acepção usualmente aceite, a qual serve fundamentalmente para tranquilizar as pessoas, demarcando uma distinção clara entre o «saudável» e o «doente», que se nos afigura tão defensiva como artificial. A labilidade e imprecisão desta fronteira política fica amplamente demonstrada no caso de Lewis Carroll *versus* Charles Dodgson, pelo modo como as duas vertentes do mesmo personagem se encontram afinal estreitamente ligadas. Ao lado do matemático, aborrecido e sem

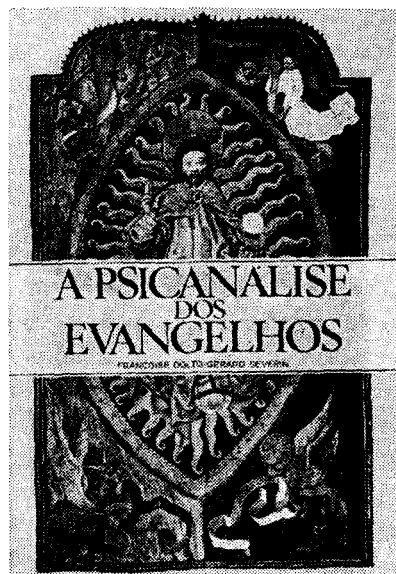
humor, cuja contribuição original se limitou a um ou dois paradoxos lógicos publicados na revista *Mind*, coexiste o genial Lewis Carroll, através das frestas de cuja obra o tímido diácono vem a medo espreitar de quando em quando. No entanto, temos para nós que se Dodgson não existisse *Alice no País das Maravilhas* não passaria de um amontoado de páginas dispersas e delirantes, como acontece, por exemplo, nos poemas da fase final do esquizofrénico Ângelo de Lima. Só o facto de haver um núcleo «são» permite a estruturação da obra; só o facto de haver um núcleo «doente» possibilita a sua peculiar riqueza imagética; só o conjunto dos dois consegue a singularidade do livro.

#### REFERÊNCIAS

- ANTUNES, António Lobo e Dias, Maria Inês S. (1974) — «Loucura e criação artística: Ângelo de Lima, poeta do *Orfeu*. Comunic. à Soc. Port. de Neurol. e Psiq., Lisboa.
- CARROL, Lewis (1856) — *Alice's Adventures in Wonderland; Alice au Pays des Merveilles et de l'autre côté du Miroir*, trad. André Bay, Marabout, Paris, 1973; «Aventuras de Alice no País das Maravilhas», trad. de Manuel João Gomes, Afrodite, Lisboa, 1971.
- CARROLL, Lewis — «Lettres adressées à des Petites Filles», Flammarion, Paris, 1975.
- EDEL, Leon (1975) — «The madness on art», *Amer. Journal of Psychol.*, 132:10, 1005-1012.
- EVANS, B. Ifor — *História da Literatura Inglesa*, Portugal Ed., Lisboa, s.d.
- GARDNER, Martin (1965) — *The annotated Alice*, Penguin Books, London.
- GARDNER, Martin (1965) — *The annotated Snark*, Penguin Books, London.
- GREENACRE, Phylis (1955) — *Swift and Carroll: a psychoanalytical study of two lives*, Intern. Univ. Press, New York.
- HEATH, Peter (1974) — *The Philosopher's Alice*, Academy ed., London.
- LAPLANCHE e PONTALIS, J. B. (1971) — *Vocabulário da Psicanálise*, Moraes Ed., Lisboa.
- RACKIN, Donald (1966) — *Alice's Journey to the end of night*, Pmla LXXXI (Out. 1966), pp. 313-326.
- RACKIN, Donald (1969) — *Alice's Adventures in Wonderland — a critical handbook*, Wadsworth Publ. Co., Belmont, Califórnia.
- WOOLF, Virginia (1948) — «Lewis Carroll» in *The Moment and other essays*, Harcourt, Brace & World, New York.

## editar conhecimento é a nossa vocação

A Socicultur edita conhecimento: Psicologia, Pedagogia, Educação e Reabilitação, Higiene, Ecologia, Filosofia, são algumas das nossas colecções — indispensáveis para uma perspetivação dos problemas actuais ou para a sua especialização profissional. Peça o nosso catálogo ou visite-nos — e na Livraria Socicultur encontrará ainda do tratado de medicina ao livro de poesia, do romance ao livro de arte, em edições nacionais e estrangeiras. Ler é participar.



Nesta obra, Françoise Dolto propõe descobrir Jesus de uma maneira diferente. Ela aborda a leitura dos Evangelhos de uma forma totalmente inédita, com um novo instrumento: a psicanálise.

Os Evangelhos são também um facto de civilização. Com a sua fé e a sua competência, esta psicanalista leva-nos a uma descoberta de Jesus «daquele tempo», que é também o nosso tempo.



Rua Portugal Durão, 3-A/7-B  
Lisboa 4 - Telef. 77 55 93  
(ao Rego)  
(Autocarro 31, à porta)